

Mulheres Torguianas em questão: Joana e Felisberta

Jaqueline Almeida de Lima¹

Raquel Terezinha Rodrigues²

Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo fazer uma análise a fim de verificar se é possível traçar relações em relação entre os perfis femininos das personagens protagonistas Joana do conto “Névoa” e Felisberta do “Renovo” da obra de Miguel Torga. Considerando que as narrativas trazem dramas nas vidas dos personagens e que as mulheres dos contos são mãe notou-se a aproximação das mesmas pela determinação em manter a força, apesar dos obstáculos surgirem, por amor a seus filhos. Embora tenha passado por tanta dor a personagem do conto “Névoa” mostra que esse amor já não é suficiente e o fardo se mostra maior fazendo-a querer desistir de tudo, em compensação a mulher e mãe do conto “Renovo” mostra que é por amor ao filho que continuará firme. Há pontos em que esses perfis se unem e outros que as afastam um pouco.

Palavras-chave: Comparação, Personagens, Névoa, Renovo, Contos.

Introdução

A presente pesquisa se volta para dois contos do livro *Novos Contos da Montanha* publicado em 1944 em continuidade da obra *Contos da Montanha* lançado no Brasil em 1941 do autor português Miguel Torga. Os contos que serão analisados são “Névoa” e “Renovo”, as narrativas apresentam duas mulheres que são mães e passam por situações difíceis e sofrimentos ao lado dos filhos.

O conto “Névoa” conta a vida de Joana, mulher que ainda grávida fica viúva e se espanta ao ter uma filha, Celestina, tão linda e perfeita, ela era diferente das outras raparigas, pois sempre estava arrumada, limpa e comportada opondo-se as demais. Ao crescer Celestina começou a ter conflitos com Joana sua mãe por querer saber sobre seu pai, a vida tornou-se insuportável chegando ao ponto de Joana tentar suicídio.

¹ Acadêmica do 3º ano do curso de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO – Grupo Pet Letras

² Professora lotada no departamento e Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO

“Renovo” retrata Felisberta uma mãe que tenta animar o filho Pedro que está doente omitindo a morte da namorada Lucinda que após não resistir a uma epidemia que rondava Vilalva acaba morrendo. Felisberta sofreu muito ao ver as filhas, os netos e o marido morrerem, por isso, zela pelo único filho que restou.

Nos contos de Miguel Torga estão presentes representações sociais de Portugal, a presença do regionalismo é fortemente retratada por personagens do campo, contando sempre com a presença das montanhas nas histórias.

No decorrer este trabalho será feita uma análise comparativa entre as personagens Joana do conto “Névoa” e Felisberta do “Renovo” para verificar se há similaridades entre os perfis femininos nas narrativas.

Cumpr-se observar que não foram encontrados estudos em torno da temática de análise comparativa nos contos de Miguel Torga, constatando que essa linha de pesquisa é pouco estudada, tornando relevantes as análises sobre os perfis femininos de Joana e Felisberta no conto de Torga.

A pesquisa terá apoio teórico Hans Robert Jauss com o livro *A História da Literatura com Provocação a Teoria Literária* (1994) que traz um estudo em torno da recepção feita pelos leitores sobre obra e a história da literatura.

E Fredric Jameson com *O Inconsciente Político* (1992) que orientará a pesquisa, com seus pensamentos em relação às leituras anteriores que segundo o autor são validas para alcançar uma plena compreensão.

Para o autor Segundo Hans Robert Jauss no livro *A História da Literatura Como Provocação à Teoria Literária* (1994), uma obra literária é algo que proporciona aos diferentes leitores perspectivas diferentes em períodos distintos que propaga uma leitura revigorada. Pois segundo, o autor a obra literária não é um objeto que existia por si só oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto[...]ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre voltada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras” (JAUSS, 1994, p.25).

Conforme Jauss (1994, p.23), o leitor e a literatura possuem ligações pelo fato de que o leitor faz julgamentos relacionando outras obras lidas, gerando assim, recepções de uma obra que pode ser melhorada por novos leitores construindo um sentido histórico e mostrando sua “qualidade estética”.

Unindo-se pela ideia das relações entre outros textos, Fredric Jameson em *O Inconsciente Político* (1992) a ponta que os textos que abordamos sempre são vistos como se já tivéssemos contato antes, e isso é possível por conta das “interpretações prévias” que somos

capazes de fazer e pelos “hábitos de leitura”. Essa suposição de já ter lido o texto anteriormente o autor denomina como “‘metacomentário’ o qual nosso objeto de estudo é menos o próprio texto do que as interpretações através das quais tentamos abordá-lo e dele nos apropriar.” (JAMESON, 1992, p.9-10)

O autor ainda apresenta sua posição ao mostrar que todas as interpretações possuem relevância, por não serem algo isolado. Afinal, “só uma outra interpretação mais forte pode derrubar e refutar na prática uma interpretação já consagrada.”(JAMESON, 1992, p.13-14)

É possível observar que Jauss apresenta que a obra não se fecha em uma única percepção pelo contrário ela proporciona diferentes modos de compreender. Ligando-se aos estudos das interpretações Jameson mostra que através das acepções que fazemos o texto não se apresenta como algo novo e que todas as interpretações possuem seu valor.

Observando a importância dos teóricos em apresentar que as interpretações do leitor sobre uma obra é algo respeitável para constituir o seu valor histórico, justifica-se a análise de textos que abordam as recepções da obra *Novos Contos da Montanha* (2000) do português Miguel Torga e dos contos “Névoa” e “Renovo” que fazem parte do estudo.

João Bigotte Chorão em uma homenagem a Miguel Torga intitulada “Como é Torga?” (1987), descreve que o refugio do escritor é sua terra, isto é, Portugal o qual nutre um amor que gera essa ideia fixa d paisagem transmontana. “A terra é o santuário da sua peregrinação contínua, a sua paixão, diria mesmo a sua obsessão.” (CHORÃO, 1987, p. 20)

Ligando-se ao pensamento da terra, Marcelo Brito Silva mostra no artigo “O Conto Rural de Miguel Torga : Aspectos Gerais” (s/d), a montanha como o elemento primordial dos contos de Torga, por se unirem ao traçar a paisagem as narrativas e os personagens.

Com isso chegamos ao elemento que é de importância fundamental na exegese dos contos rurais de Miguel Torga e que não por acaso está estampado nos títulos dos dois livros – a *Montanha*, que emerge como o verdadeiro centro de gravidade não só na construção do cenário, mas, sobretudo, na escultura do enredo e das personagens exercendo uma função decisiva no sentido profundo dos contos. (SILVA, s/d, p.2217)

Já Álvaro Manuel Machado, em “Miguel Torga ou a Impureza da Criação” (1978) expõe a obra *Novos Contos da Montanha* como a que expressa melhor a “pureza simbólica” e cita o conto “Névoa”, do mesmo livro, como um exemplo dessa pureza, pois para o autor

é em *Novos Contos da Montanha* que a tentativa de pureza simbolista do conto torquiano mais plenamente se exprime. Basta citar um conto intimista, “Névoa”, no qual Celestina, “alta, branca, loira”, filha duma mãe “feia, tão

misera e tão infeliz”, imagina febrilmente o pai, morto antes de ela nascer, até ao ponto de despertar na mãe o desejo de morrer. (MACHADO, 1978, p.50)

Nos textos analisados foi possível notar que o português Miguel Torga sempre traz as montanhas em suas obras, assim como o artigo mostra, o autor movido pelo amor pelo local onde viveu, acaba construindo suas obras entre as montanhas.

A paisagem transmontana mostra personagens que sofrem e que mesmo assim precisam e se mantêm fortes em meio aos conflitos que a vida os empoe. E são as montanhas que fazem as suas obras se ligarem não somente pela paisagem, mas também na configuração do desenrolar das narrativas e dos personagens.

O conto “Névoa” que faz parte do *corpus* de estudo da presente pesquisa é apresentada por Machado como a pureza simbolista, possivelmente por trazer símbolos que mostram algo mais natural, ou seja, a relação entre mãe e filha.

No decorrer da pesquisa recepcional da obra de Miguel Torga, não foram encontrados textos em torno do conto “Renovo” que também faz parte da pesquisa.

O autor demonstra em suas narrativas traços característicos de sua vivência em Portugal, tal reflexo traz histórias tendo como paisagem as montanhas que faz com que as narrativas se unam pelo cenário. As pessoas que ali vivem também passam por situações em que se assemelham por terem que enfrentar obstáculos, dificuldades e sofrimentos e ao mesmo tempo precisam se manter fortes e continuar a vida.

Mulheres e mães: dilemas femininos

O conto “Névoa” mostra o sofrimento de Joana que perde seu marido Lourenço quando ainda estava grávida e lhe restam às lembranças das suposições que o esposo fazia sobre como seria sua primeira filha.

Após o nascimento e ao passar do tempo Joana se espantava cada vez mais com a beleza de sua filha Celestina e como seu falecido marido havia acertado, pois ela era exatamente como ele a imaginava. Joana se questionava como uma mulher feia e triste como ela, pôde colocar no mundo criatura perfeita como sua filha. Pois ela se “desfazia no elogio, com medo de qualquer castigo de Deus, e continuava a não compreender como pudera sair de si, tão feia, tão mísera e tão infeliz, uma criatura assim, bafejada da natureza.” (TORGA, 2000, p.125)

Elisabeht Badinter no livro *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno* (1985) aponta que culturalmente a mãe tem que amar sua prole caso contrário “não amar um filho é o crime inexplicável” (BADINTER, 1985, p13). A personagem Joana mostra que o amor pela filha tem sofrido desgastes por conta dessa mãe sentir-se sufocada em conviver com sua filha cada vez mais bela e mais interessada em saber como era pai, que foi o grande amor de Joana.

Há trechos na obra em que nota-se tal desconforto de Joana pela atitude inocente da filha Celestina. "Um mal-estar indizível, uma zanga sem raiva, começou a apoderar-se de Joana sempre que via a cachopa absorta diante do retrato. Não conseguia resolver no espírito aquela estranha contradição: ela a distanciar-se progressivamente do marido e a filha a aproximar-se dele cada vez mais". (TORGA, 2000, p 126)

Os constantes questionamentos de Celestina sobre como era seu pai e as acusações de que Joana já havia esquecido seu falecido marido ocorriam em diversos momentos, outro exemplo desse desconforto por parte de Joana acontece ao perguntar se a filha não queria casar-se e Celestina a responde dizendo: “– Para quê? [...] – Para depois esquecer o homem, como a mãe fez ao seu...” (TORGA, 2000, p.126). Tal atitude fez com que a cada dia o pobre Joana se aprofundasse ainda mais em tristeza por não reconhecer quem Celestina havia se tornado.

Essa atitude perante a filha deixa no ar a impressão de que esse amor diminuiu ou modificou, segundo Badinter, pode haver modificações desse amor, mas ele ainda permanecerá, pois, “se os comportamentos maternos (as formas) assumem aspectos diferentes, até mesmo contraditórios, com o correr do tempo, nem assim modificam a realidade "profunda" desse amor, de alguma forma hipostasiado.” (BADINTER, 1985, p.14)

Com isso restou a Joana desejar a morte. Afinal, “apenas a prendia à vida a dolorosa lembrança de um caminho brumoso, desconsolado, com muita chuva, muito frio e algum sol que, em vez de a aquecer, a queimara.”(TORGA, 2000, p.128)

Conto em terceira pessoa, “Névoa” traz o sofrimento e a infelicidade de uma mãe que desde grávida enfrentou os percalços e criou sozinha sua filha, seguida sempre pela tristeza da perda de Lourenço. Esse conto apesar de mostrar a força de uma mulher sua luta para vencer junto com a filha, mostra também o lado frágil dessa mesma lutadora que chega a um ponto da vida que ela já não aguenta as surras que a vida lhe dá e fracassa ao se deixar derrotar e querer a morte.

O conto “Renovo” apresenta uma mulher Felisberta que já passou por muitas situações difíceis e tem que controlar a situação para não deixar seu filho Pedro sofrer pela morte de sua namorada Lucinda que não resistiu a uma epidemia que assolava Vilalva. Para isso,

“cuidadosamente, a Felisberta varria implacavelmente o caminho de todos os espinhos que pudessem magoar as justas esperanças da mocidade.” (TORGA, 2000, p.132)

Para preservar o filho a mãe escondia a morte de Lucinda e atribuía os badalos do sino, que significavam a morte de alguém, aos velhos evitando mencionar os jovens que também morriam. Tamanho zelo para preservar o filho da dor da perda se justifica por Felisberta ter perdido três filhas, dois netos e também seu marido, então se agarrava ao único filho que tinha e o rodeava de cuidados que desconfiado da ausência de Lucinda acaba compreendendo que a havia perdido para a epidemia.

Observa-se no conto uma mulher que apesar de dolorida pelas perdas de parte da família ainda se obrigada a manter-se forte para cuidar do único filho que a restou. Tristeza, dor e sofrimento são sentimentos o que o conto transmite. A mulher ao tornar-se mãe passa por todo tipo de situação para satisfazer, cuidar e preservar seu filho, Elisabeht Badinter traz um conceito do Larousse do século XX o qual “uma tendência primordial que cria em toda mulher normal um desejo de maternidade e que, uma vez satisfeito esse desejo, incita a mulher a zelar pela proteção física e moral dos filhos. ” (BADINTER, 1985, p.11). Entretanto, a autora Badinter (1985. p.11) também apresenta seu pensamento de que nem sempre a mulher possui esse instinto por seu filho, no caso de Felisberta, segue os aspectos de zelar o máximo o filho, esse instinto pode então, ter propiciado a atitude da mãe do conto doar-se inteiramente ao filho.

O título renovo pode mostrar que apesar de tudo é necessário se reconstruir, se recuperar se reerguer. E foi isso que Felisberta fez se reergueu para ajudar seu filho que passaria por mais uma dor com a perda da namorada. Pois, “restava-lhe apenas aquele filho, que a cada instante parecia querer abandonar a luta e a cada instante a renovara. E todo o seu instinto de mulher estava ali, suspenso da respiração e dos olhos da última semente.” (TORGA, 2000, p.136-137) Ou seja, mostra que apesar dos desafios e das turbulências é necessário ser forte para continuar vivendo.

Maria José Motta Viana em seu livro *Do Sótão à Vitrine: Memórias e Mulheres*, (1995) que aborda a escrita memorialística das mulheres, mostra que os aspectos embutidos nas mulheres eram que fossem o lado frágil e submisso, tais atributos tidos como algo natural “desde a antiguidade [...] reservavam-se para a mulher características ditas naturais, como passividade, submissão, fragilidade, menor capacidade de raciocínio e maior emotividade.” (VIANA, 1995, p.13).

Contudo, Viana em seus estudos complementa dizendo que mesmo havendo contradições em relação à postura da mulher, em um ponto de vista elas foram vistas como a

“mulher indomável na sua força, no seu potencial e no mistério de criar e procriar.” (VIANA, 1995, p.13). E é dessa forma que se observa nos contos de Torga, mulheres que desmistificam tais aspectos de submissão e se apresentando como as heroínas de seus contos por suportarem muitas angústias.

O ponto de interseção entre essas mulheres de Torga é a sua força intensamente marcada por superarem os obstáculos tendo uma motivação que são os filhos, mesmo uma delas, Joana, ao passar do tempo ver sua relação com a filha ficar um pouco arranhada, por conta de seu empenho em descobrir mais sobre o pai. Já Felisberta apresenta a mãe que pelo amor do filho que consegue alcançar essa determinação para viver.

Considerações Finais

A ligação das personagens é essa tristeza que os contos trazem em suas narrativas que as obriga serem fortes, pois se unem pelo amor maternal que suporta as dificuldades e a dor que a vida apresenta e as mantêm firmes para sustentar não só em âmbito material, mas no emocional seus filhos.

Joana depois de um tempo não aguenta e se entrega ao sofrimento que a vida inteira ela lutou. Agora nem o amor por sua filha a faz mudar. Já Felisberta se mantém firme ao lado do filho que é agora seu motivo de viver e de se conservar determinada mesmo estando devastada por dentro.

Os sofrimentos a força e o amor maternal que ambas possuem fazem essas duas mulheres e mães se aproximarem, há então, uma semelhança entre os perfis. Elas lutam pelos filhos superam dificuldades que a vida insiste em colocar em seus caminhos. No final de cada conto, se nota quem conseguiu transcender os obstáculos e quem acabou sendo vencida e é nesse ponto que há uma diferença na em relação às representações femininas dos contos.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CHORÃO, João Bigotte. “Como é Torga?”. **Revista Colóquio/Letras**, Lisboa, n. 98, p. 19-21, jul. 1987. Disponível em: <<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=98&p=19&o=p>>. Acesso em: 13 set.2013.

JAMESON, Fredric. **O Inconsciente Político: A Narrativa Como Ato Socialmente Simbólico**, São Paulo: Ática, 1992.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ática, 1994.

LEE - MEDDI, Jeocaz. **Virtuália – O Manifesto Digital**. Disponível em: <<http://virtualiaomaniesto.blogspot.com.br/2008/01/contos-da-montanha-miguel-torga.html>> Acesso em: 9 mar. 2013.

MACHADO, Álvaro Manuel. “Miguel Torga ou a Impureza da Criação”. **Revista Colóquio/Letras**, Lisboa, n. 43, p. 44-50, maio. 1978. Disponível em: <<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=43&p=44&o=p>> Acesso em: 13 set. 2013.

SILVA, Marcelo Brito da. “O Conto Rural de Miguel Torga: Aspectos Gerais”. **Anais do XXIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP)**. Disponível em: <http://www.abraplip.org/anais_abraplip/images/stories/sessoes/Marcelo%20Brito%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 01 set. 2013.

TORGA, Miguel. **Novos Contos da Montanha**. 17. ed. Lisboa: Dom Quixote. 2000.

VIANA, Maria José Motta. **Do Sótão à Vitrine: Memórias de Mulheres**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1995.